

INSTITUTO DE HIGIENE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE HIGIENE E SAUDE PÚBLICA DO ESTADO

DIRETOR: PROF. G. H. DE PAULA SOUZA

BOLETIM N. ~~72~~ 73

# RIBAS

PIONEIRO DE RENOVAÇÃO SANITÁRIA DO BRASIL

CONFERÊNCIA REALIZADA NA SOCIEDADE  
PAULISTA DE HISTÓRIA DA MEDICINA, POR  
OCASIÃO DO 15.º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE

POR

GERALDO H. DE PAULA SOUZA

1941

IMPRESA OFICIAL DO ESTADO  
SÃO PAULO



Atendendo a um convite honroso, — que é para mim uma ordem, a que obedego com imenso prazer, — de vos falar sôbre Emilio Ribas, o patrono ilustre da cadeira que ora ocupo nesta Sociedade, na data em que se comemora o 15.<sup>o</sup> aniversário de sua morte, não irei, senhores, senão abordar alguns aspectos da sua vida cheia de glória, dessa glória autêntica que se compraz em coexistir com a modéstia, e que transcorre muito mais dos atos que das aparências. Seria tarefa por demais superior aos meus fracos recursos, seria mesmo, talvez, arrôjo abalançar-me a obra de maior vulto, quando existem trabalhos magistrais, de todos conhecidos, sôbre a vida do ilustre morto, traçados por penas brilhantes, que souberam realçar condignamente a sua figura conspícua e inconfundível. Dêstes, os seus biógrafos, há os que com êle largamente conviveram, sofrendo as mesmas contrariedades, ganhando as mesmas batalhas, vibrando do mesmo entusiasmo. Destacam-se, dentre êstes, Vital Brasil e Clemente Ferreira. Os mais jovens, empolgados pela sua lição, estudaram sua vida sôbre outro aspecto, e o expoente dêstes, Borges Vieira, traçou, em duas magníficas conferências, todo o seu valor.

Manoel Ferreira, que até o momento de compulsar o arquivo de Ribas, que sua família guarda com religioso carinho, — o que lhe foi dado fazer por ocasião do 3.<sup>o</sup> Congresso Brasileiro de Higiene, realizado nesta Capital, em 1926, — pouco sabia do seu passado, deslumbrado diante de tanta revelação e não compreendendo como o silêncio pôde roubar ao conhecimento de seus concidadãos vulto de tão raras qualidades, dando a Cesar o que é de Cesar, reivindicando para seu patrimônio o que muitos se compraziam simplesmente em aceitar como de outra origem, orientações e benefícios, cognominou-o de Ribas — o esquecido, em formosa conferência que pronunciou nesse mesmo Congresso. Esquecido, não porque se confundisse com a grande massa dos cidadãos prestantes que honram o nosso povo, mas que se não destacam da simples “boa gente”; esquecido, sim, porque a sua modéstia encobria de espesso manto os seus próprios méritos, e assim avaramente favorecia a um tempo a ignorância dos bem intencionados e o interesse dos que lhe não per-

doavam o sucesso. Reconhecido o brilhante êxito alcançado na campanha anti-amarilica aqui realizada, — que precedeu a do Rio, — pelo “primus inter pares” da medicina experimental e da hygiene pátria, o grande Osvaldo, nem mesmo o valor dessa opinião moveu a indiferença dos outros.

Passam os tempos, e lançando os olhos para épocas mais recuadas vemos que, enquanto a maioria dos homens se confunde com a grande massa, desaparecendo mesmo as outrora tão reverenciados, maiores se alevantam e mais avultam as figuras desses dois paulistas — Ribas e Osvaldo. São as árvores gigantes da floresta que, como alguém já disse, não as vemos quando colocados no seu recesso indevassevel, confundidas que são com a enorme quantidade das demais, árvores de todos os portes e até insignificantes arbustos. A trama densa e impenetravel da vegetação inferior impede que se depare com a sua presença. De fora da mata, porém, colocados em plano superior, que o tempo sabe crear, pode-se admirar, em toda a sua grandeza, sobrepairando as demais, a fronde copada dos gigantes.

### A LIÇÃO DE UMA ÉPOCA E DE UMA VIDA

Para a solução dos problemas que se apresentavam ao tempo de Ribas, nem o ambiente brasileiro se achava suficientemente preparado, nem sequer existiam, em número bastante, os indispensáveis elementos humanos para levar a cabo tão ingente tarefa.

Dada a escassez de recursos, foi obra ciclópica, a que Ribas executou, cujos resultados não são apenas os que se medem pela libertação de males que nos assolavam. Mais importante ainda foi a semente da organização e da pesquisa que deixou, plasmando o serviço sanitário daquela época, em que figuravam tanto os elementos administrativos como os indispensáveis recursos dos laboratórios. O mais importante, porém, é que soube instilar nesse corpo que moldara, o frêmito de uma alma possante e generosa, de uma chama sagrada que a todos atingia. Orgulhavam-se os seus auxiliares dos seus misteres, não mediam sacrificios, — ainda que sem o tempo integral de nossos dias, — já integrados totalmente na obra construtiva a seu cargo, e desde o mais alto técnico ao mais humilde servente, transpirava o ambiente renovador da moderna hygiene.

Empolgava os homens da sua época, médicos e administradores, não só o interesse pela solução científica e social dos problemas de saude pública, entre os quais a febre amarela e a peste

sobressaiam em magnitude, mas ainda um fervor patriótico, que a todos dominava. A República, recentemente instalada, para encontrar o entusiasmo da juventude esclarecida, de um país onde havia imperado um sábio e bom monarca, só se compreende vivificada pelo ardor de uma fé oriunda da mais pura admiração pelos grandes vultos da época, em que se destacava a figura notável de Benjamin Constant, o símbolo de todas as virtudes cívicas. E o espírito moço emprestava a todos os seus atos, do foro íntimo como da alçada do interesse público, da técnica como do pensamento, um motivo para melhor servir à Pátria.

Transparece isso em todas as manifestações daquele tempo. Barreto, formado nessa mesma escola, disse dá testemunho quando, em carta a Ribas, assim se exprime, ao tratar das investigações sobre o modo de propagação da Febre Amarela:

“Há apenas para nós, aqui, um interesse especial surgindo de considerações patrióticas. Trata-se de proclamar perante o mundo, que nos contempla, que a febre amarela é filha não de agências climatéricas particulares ao nosso país, mas sim de elementos ubiquitários, que podem igualmente invadir e perturbar a climatologia de qualquer outra região. Longe de mim o pensamento de antepor o patriotismo à verdade científica. Seria indigno qualquer esforço no sentido de prejudicar a ciência e a humanidade em nosso exclusivo benefício. Mas uma vez que o interesse de nosso país se confunde inteiramente com o da ciência e o da humanidade, entendo que nos corre o dever de unirmos todas as nossas forças, afim de fazermos falar bem alto a lógica dos fatos e levarmos por toda a parte a verdade que reabilita os nossos créditos”.

Surgindo da mística da Pátria, do respeito à Ciência e do amor à Humanidade, a obra daquele tempo tem o direito de exigir de nós reconhecimento condigno, que se traduza na obediência de governantes e governados se manterem, sempre, na vanguarda de sua época.

Difícil empresa a de avaliar o valor dos homens, mais difícil ainda a de julgá-los fora do ambiente em que se encontram. Entretanto, para compreendê-los, já nos aconselhava o grande Osler, é indispensável “que enxerguemos como eles enxergaram, sintamos o que sentiram, acreditemos como acreditaram, o que é difícil, quando não impossível”. Poderemos nos aproximar perscrutando o “espírito da época” em que viveram, conhecendo e que pensavam os seus predecessores e seus contemporâneos. Cada geração, tendo outros problemas a resolver, traz consigo um roteiro próprio. As doutrinas que se sucedem e se substituem não aniquilam o trabalho dos antecessores, que deixam sempre algo de aproveitável “como um plasma germinativo que perma-

nece, um núcleo a ser fertilizado por outros, frequentemente ignorantes até mesmo quanto ao corpo de onde provieram. Os conhecimentos evoluem de tal forma que os seus detentores nunca deles se apossam inteiramente”. “Progride a ciência porque de nada se acha segura”, dizia Duclaux.

Como nos transportarmos, parcialmente ao menos, para o ambiente que plasmou o espírito dos médicos brasileiros ao tempo de Ribas?

O panorama da época se nos apresenta de feição capaz de fazer recuar da liça os menos audazes. Ambiente de país novo, tropical, em processo de colonização por elementos estrangeiros: substituição do braço negro; as lutas necessárias contra o descrédito, causado em boa parte pelas endemo-epidemias reinantes: a peste, recentemente importada, e a febre amarela a dominaf continuamente...

Vemos nessa lição a grande massa dos médicos que se formaram à sombra das escolas nacionais, especialmente a do Rio, sendo exceção alguns poucos, mais arrojados ou afortunados, que foram beber conhecimentos em outras plagas, alí fazendo todo o seu curso médico. Dentre estes últimos destacaremos, pelo papel que representaram ou pelas convicções que defenderam, Lutz — de quem ainda há pouco traçaram Celestino Bourroul, Eduardo Vaz e Carvalho Lima nítidos retratos, Pereira Barreto e Vergueiro. Poucos países tropicais naquele tempo dispunham de elementos do preparo de Lutz, a serviço da investigação à luz da moderna bacteriologia. Barreto, espírito brilhante, orientado pelo pensamento francês, desempenhou notavel papel, e exerceu a mais marcada influência sobre o meio paulista nos setores do saber em que militou — medicina e agricultura. Fez escola e o seu melhor discípulo, Arnaldo, bastaria para atestar o valor do mestre. Vergueiro, mais clínico e cirurgião que higienista, é outro que abordou com entusiasmo os problemas da febre amarela e da peste. De seus trabalhos transparece a influência nítida da escola localística alemã de Pettenkofer.

Do que se passava no mundo médico anglo-saxão, pouco parece, aquí em São Paulo pelo menos, se sabia, que merecesse estudo quanto à influência exercida naquela época. Os informes a respeito quasi se resumiam na leitura, por muito poucos, da revista “Lancet”.

A grande massa, entretanto, dos clínicos, vinha direta ou indiretamente da escola que Torres Homem eminentemente simboliza. Torres Homem, de quem vos falarei um pouco para caracterizar a formação da época de Ribas, era o espírito de escola que assim se exprimia, em 1882, em lição inaugural de clínica:

“Nas questões de observação, a autoridade do mestre pode não ser aceita pelos discípulos sem que o seu amor próprio sofra a menor ofensa. Na apreciação de certos fenômenos, a qual exige sentidos adestrados, quem mais sabe pode às vezes deixar de perceber o que é facilmente percebido por outro menos instruído” .....

“Sou de opinião que o prestígio do mestre só pode ter uma fonte legítima: é a convicção dos alunos de que ele é realmente instruído nas matérias que ensina, que suas opiniões podem ser discutidas com toda a lealdade”.

Afirmando que os fatos representam sempre o principal papel, acha imprescindível a sua interpretação e coordenação a fim de se chegar a conclusões verdadeiras. Os que assim não procedem, por maior número de fatos acumulados, estariam, ao fim de longa carreira, no mesmo nível em que quando nela ingressaram.

“Não há médico sistemático, (dizia êle) que não tenha apelado para os fatos: Themison, Brown, Brossais, Razori e outros basearam seus sistemas sobre fatos. Qual desses sistemas seria o verdadeiro? Qual desses médicos eminentes teria razão? Remontemo-nos a épocas mais antigas, e veremos que o arcaísmo de Van-Helmont, o animismo de Stahl, o quimismo de Sylvius e o organicismo de Bichat tiveram os fatos por alicerces. O que quer isto dizer? Quer dizer que os fatos materialmente apreciados de nada valem, representam o valor que se lhes quer dar: este valor é fictício ou real, completo ou parcial, conforme o ponto de vista do observador e o gráo de precisão de sua análise. Nada é mais estéril e ao mesmo tempo mais fecundo do que os fatos, conforme a mão que os colhe, o olho que os vê, a inteligência que os percebe e o juízo que os aprecia” .....

“Em vossos estudos clínicos esforçai-vos por educar os vossos sentidos, por crear e aperfeiçoar o vosso espírito de observador; trabalhai com os vossos próprios recursos; não tenhais medo de errar em um juízo qualquer, porque os mais conspícuos práticos são aqueles que mais erraram no começo e grande proveito souberam tirar de seus erros” .....

“Cumpre porem que não vos habitueis a pensar pela minha cabeça e a observar com os meus sentidos”..... “Examinai os doentes sem auxílio de ninguém, apenas guiados pelas regras que eu vos der; formai o vosso juízo, aventurai uma doutrina para explicar um sintoma insólito; arriscaí um diagnóstico; aconselhai um meio terapêutico que o vosso engenho apontar-vos, ainda mesmo que não tenha sido por outros empregado. O mé-

dico instruído, repito, deve ser inventor no exercício de sua profissão, sempre guiado pelos princípios da ciência; a este respeito, senhores, eu aceito a opinião do ilustre Trousseau, invertendo a sentença de Gaubius:

**Melius est progredi per tenebras quam sistere gradum.**

**Melhor é progredir através da escuridão que suster o passo.**

Ribas aprendeu bem a sua lição. Por si quiz sempre resolver os seus problemas. Ainda há poucos dias, tive a grata oportunidade de conversar com o nosso venerando colega Dr. Vieira de Mello, que tanto privou com o ilustre homenageado de hoje. Prestou-me interessantes informes que me parece oportuno relatar-vos: Dirigia êle, no período administrativo de Silva Pinto campanha anti-amarílica em Araraquara. Designado para auxiliá-lo, apresenta-se-lhe um dia Ribas, que, desde logo, cativa a sua simpatia, sobretudo pela maneira afável e franca com que se declara inteiramente alheio ao assunto. Diz, modestamente, que até então vinha clinicando em Santa Rita, e que da medicina que aprendera nos bancos escolares, muito já tinha esquecido, sendo que, em higiene, nunca fora grande versado e ali se encontrava para aprendê-la. Da boa camaradagem estabelecida resultou a confiança mútua, e, logo, a entrega de serviços de responsabilidade ao colega mais moço. Tão bem se houve Ribas que, ao cabo de um mês, foi o substituto de Vieira de Mello, que o indicou, mais tarde, a Silva Pinto como a pessoa mais bem talhada para a direção da campanha em Itapetininga. Pelo zelo com se que se houve, nessa como nas demais comissões que lhe foram confiadas, foi o caminho trilhado para o ponto máximo da direção do Serviço Sanitário do Estado, pesado encargo, e honra que jamais solicitou. Fez-se justiça ao mérito, pura e simplesmente.

Ribas, segundo Dr. Vieira de Mello, já antes dos trabalhos da comissão do Exército Americano, tivera conhecimento das idéias de Finlay sobre o papel do mosquito na veiculação possível da febre amarela e, em Araraquara, por volta de 1894, isso era assunto de suas conversas. Na revista "União Médica do Rio" foi divulgada, pela primeira vez no Brasil, a idéia do médico cubano. O Dr. Vieira de Mello, redator da revista, nela não acreditava, verificando, entretanto, a simpatia franca que a mesma merecia por parte de Ribas, que como sabemos todos, adquiriu perfeita convicção após as experiências de Havana, aplicando-a sem perda de tempo, e obtendo o surpreendente resultado de vencer aqui o mal antes mesmo que em Cuba se houvesse completado



a campanha. Esse depoimento vem em abono da evolução independente das convicções de Ribas e de Lutz neste particular.

Precedendo a época aurea das pesquisas microbiológicas, as idéias professadas pelos pró-homens da medicina brasileira se dividiam, no particular ao problema da febre amarela, apenas em contagionistas e anti-contagionistas. Torres Homem fazia parte deste último grupo. Em 1873, em plena aceitação, pela maioria dos médicos, das teorias miasmáticas, assim se referia à febre amarela: "...esta moléstia é devida a um miasma, o qual se origina em um foco de infecção mais ou menos extenso e de variavel fertilidade. Conhecemos nós por ventura a natureza desse miasma, como se conhece a do miasma das febres palustres e da febre tifoide?" "A febre amarela é o resultado de um miasma infeccioso, que envenena o sangue, e consecutivamente o organismo inteiro; este miasma provem da decomposição de matérias orgânicas, é essencialmente fitozoemico". "Quanto à natureza deste miasma reina ainda na ciência completa ignorância: os epidemiologistas estão em desacordo. Tenho sempre sustentado, nas minhas lições de clínica, que esse miasma é mixto e complexo: que para a sua composição concorrem, de um lado o miasma tífico; que encerra por conseguinte um elemento de origem vegetal e outro de origem animal; que a reunião destes dois elementos, predominando ora um, ora outro, vem a influenciar marítima imprimir uma certa modificação que lhe dá o cunho especial, produzindo-se então o miasma do tifo americano. Bem sei que esta opinião não passa de uma hipótese como qualquer outra, porem esta hipótese tem a seu favor o poderoso auxílio que lhe prestam a marcha dos fenômenos mórbidos, a natureza dos sintomas, e a reconhecida vantagem de um certo número de agentes terapêuticos".

Mais adiante: "Para mim, a febre amarela não é contagiosa"; e se insurge dando-nos perfeita idéia das lutas travadas: "Não tem razão o venerando Sr. Conselheiro Jobim quando se conspira iracundo contra os anticontagionistas, exigindo para eles todas as penas do inferno; na idade avançada de tão respeitavel varão, em um espírito tão cultivado, semelhante intolância não tem desculpa nem explicação".

É de lastimar-se que não tivessem os nossos grandes clínicos, ao que transparece de seus escritos, tido ainda maior conhecimento do que pensavam os seus colegas norte-americanos no pertinente à febre amarela, que tanto lá como aquí, assolava as populações. Neste particular, isso certamente seria de maior valor que a contribuição da medicina européia.

Essa aproximação apenas, no tocante à febre amarela, surge, mais intensa, após as memoráveis experiências de Havana. Interessantíssimo é o período de veementes discussões, em que se colocaram em campos opostos: de um lado Benjamin Rush, que estudou a epidemia amarílica de 1792, convencido do contágio na moléstia, e de outro, o clínico francês Deveze, de Filadelfia, e Nathaniel Potter, de Baltimore, que não aceitaram essa forma de transmissão e inclinaram-se para a influência das exalações mórbidas ou miasmas. No inquerito que estes últimos realizaram (*An inquiry into and observations upon the Causes and Effects of the Epidemic which Raged in Philadelphia from the Middle of August till toward the Middle of December, 1793*) se contém a primeira afirmação autorizada da natureza não contagiosa da moléstia, tão impressionante que modifica inteiramente a opinião do grande Rush.

Seria mais uma argumentação contra o ponto de vista do Conselheiro Jobim e de seus partidários, com a antecipação de cerca de 80 anos.

Na época correspondente às lições de Torres Homem, parece que muito pouco aqui se publicava sobre a medicina norte-americana. Pereira Rego em seus escritos refere-se às epidemias daquelas regiões. Algumas notícias de jornais eram ainda transcritas, mas sem aquele cunho científico e sério dos trabalhos acima citados.

Pelo curioso de algumas, permito-me lembrar o artigo do "Courrier des Etats Unis", de Nova Orleans, em 1877, traduzido para o português (*Progresso Médico, 1877*): "O Dr. Joseph Jonas descobriu, no sangue de dois epidêmicos, animalculos conhecidos pelo nome de bactérios. No seu entender, é por esse lado que se deve procurar a origem da febre amarela. Pretende esse médico continuar a fazer experiências para tirar delas o proveito que for possível". Mais adiante, no mesmo artigo: "Deu-se um fato bem curioso em certo quarteirão da cidade (Nova Orleans). Tendo-se manifestado muitos casos de febre amarela nos arredores, os moradores desse quarteirão levantaram uma barricada provisória . . . . Um vendedor de leite, que quiz atravessar essa barricada, foi perseguido a tiros de revólver e de espingarda, tendo por isso que retroceder". E ainda: "O Governador de Memphis teve a extravagante lembrança de mandar disparar tiros para debelar a epidemia. Pela manhã, ao meio-dia e à tarde peças de artilharia, postas em bateria, são descarregadas em vários pontos da cidade. Espera-se assim dar cabo dos miasmas".

Nem o sabor da perfeita originalidade teve essa prática.

Conta-nos o Barão do Lavradio, o ilustrado professor de Higiene de Ribas, ao tempo em que este se formou, citando o erudito Liebermeister: “Todavia ainda os mais autorizados defensores (referia-se às teorias do contágio vivo) não puderam evitar muitas idéias inexactas, perdendo-se algumas em extravagantes originalidades. É assim que um autor do século XVII propoz que, em epidemias dominantes, sendo os animais causa das mesmas e, segundo a crença geral, espécie de enxame de insetos que giravam no ar, se devia espantá-los com fortes alaridos de trombetas e com tiros de canhão”.

Torres Homem, em suas lições, claramente estabelece: — “Dentre as condições favoráveis ao desenvolvimento da febre amarela, quer endêmica, quer epidemicamente, só três podem ser destruídas: a existência de pântanos, dos grandes depósitos de matérias orgânicas e a acumulação de estrangeiros recentemente chegados durante o verão”. E por muito tempo ainda as medidas profiláticas deveriam visar esses fatores como os de real importância.

Ribas, como os de sua época, na escola do Rio, não teve o ensejo de se familiarizar com a bacteriologia e com o microscópio. Unas poucas referências, no curso de histologia, e nada mais. Versado nessa matéria, Domingos Freire, professor de química, que se deixou empolgar pelo entusiasmo das descobertas de Pasteur, de Koch e de seus discípulos, atirou-se francamente à pesquisa nesse campo; seguindo esse rumo, procurava descobrir o agente etiológico e o seu “*Cryptococcus xanthogenicus*” é o fruto da sua pesquisa, não confirmada. As verificações epidemiológicas, entretanto, cabiam, mesmo desprovidos os investigadores desses recursos. Estabelecer o modo de infecção, era legítima preocupação ao seu alcance. Sente-se como através de todas as epidemias em que Ribas serviu, essa idéia sempre o acompanhou. Foram, assim, sedimentando em seu espírito os elementos de convicção para a perfeita aceitação da teoria havanesa. Não escapou à sua argúcia o fato de que, quando combatia, com as armas de desinfecção e da limpeza, os surtos epidêmicos, como o caçador que atira no que vê e mata o que não vê, dava caça a uma suposta causa e atingia os mosquitos. Quando pôde, finalmente, em Ribeirão Preto, por à prova apenas a guerra exclusiva ao **stegomya**, certificou-se do acerto de sua fé.

Poucos eram os espíritos preparados para aceitar o ensinamento das novas idéias, que tiveram a sua eclosão naquele período.

Proclamados os primeiros achados decorrentes dos estudos pasteurianos, uma das mais sérias objeções levantadas à teoria

microbiana de moléstias, era a consideração sobre se os germes encontrados constituíam causa ou eram simplesmente produtos da própria doença. Destacam-se os estudos sistemáticos de Koch, em 1876, sobre o carbúnculo, entre os que responderam categoricamente à dúvida suscitada.

Os mais memoráveis trabalhos sobre a determinação etiológica das moléstias infecciosas derivam de estudos realizados a partir de 1879. A primeira década a seguir é uma das mais férteis consequências para a saúde pública. Paralelamente a essas descobertas, o estudo etiológico de parasitoses vem completar o quadro em que repousam as concepções modernas, sobre as quais temos o costume de raciocinar e basear as nossas experimentações.

Os grandes médicos da época ainda conduziam os seus raciocínios e conjecturas sob a influência de antigas concepções.

Sabemos quão difícil é desvencilharmo-nos de sistemas aos quais já nos habituamos, sobretudo quando nos parecem corresponder satisfatoriamente às necessidades. E' de todos sabido, em outro campo da ciência, como o grande Berthelot, construtor de um sem número de capítulos importantes da química orgânica, que até mesmo admitindo, como não podia deixar de fazer, a teoria atômica, exprimia as suas fórmulas em termos de "equivalentes" tal como se habituara a fazer, traduzindo-as em seguida para a anotação atômica.

A técnica bacteriológica e o microscópio eram de pouco uso mesmo nos centros adiantados, comparativamente ao que se verificou já no início deste século.

Ross, o grande tropicalista, nos afirma que o uso do microscópio nos trópicos era muito raro antes de 1900, e da lentidão como se divulgavam conhecimentos de importância capital, serve de exemplo o seguinte fato, por ele citado: O plasmódio da malária, descoberto por Laveran em 1880, só foi visto na Índia em 1887, por Van Dyke Carter, e ele, Ross, sómente em 1888 teve notícia da descoberta, e viu-o pela primeira vez em 1894. Apenas alguns poucos o estudaram naquelas paragens, em parte assim alheios ao progresso pelas dificuldades na obtenção de recursos bibliográficos, ainda nos informa Ross, e surpreende-se de que sómente em 1899 o próprio governo da Índia deliberasse nomeá-lo para empreender pesquisas sobre a malária, e não se tivesse imediatamente seguido à descoberta de Laveran o interesse pelas investigações oficiais a respeito. Apenas por iniciativa particular, alguns a elas se applicavam, prática sem maior repercussão quando não seguida de perseguições por parte de colegas invejosos e menos applicados.

Justificar-se-ia, assim, plenamente, que, no meio brasileiro, o mesmo se verificasse, muito embora sempre êste se distinguisse pela sua avidez por que lá fora se descobria.

Essa falta, que faz o mesmo Ross dizer que toda idéia leva ao menos 10 anos até ser aceita e poder germinar, como que se rebelando contra o espírito prevalente em sua época (na Inglaterra, berço do espírito prático por excelência), em que as questões de feição mais prática eram tidas como de tipo inferior. “Os estudo da natureza, extermínio da moléstia, o urbanismo, invenções, desenvolvimento da agricultura, manufatura ou comércio, a organização da prosperidade são objetivos inferiores. Attingir-se-ia um nível superior pelas boas maneiras, pela crítica literária, eloquência, desportos, política, dogmas sectários etc. É o equivalente do faquirismo indiano, pelo qual, perdidos em altas especulações, somos levados a nos considerar satisfeitos no meio da inanição e da doença”.

Assim criados desde a infância, diz ainda Ross, esquecemos do lado científico da administração, cessando o progresso enquanto discutimos noções abstratas, esquecendo a existência de “cidades levantadas sem visão, imundos cortiços, choças cheias de doenças, abismos de destituição, as vozes dos que clamam por melhoria nesse estado de cousas, pela aplicação de métodos científicos, se perdem entre clamores de facções opostas”.

Da história da malária, que ele tão bem observou, colhe-se a grande lição “de que deveríamos ser mais científicos em nossos hábitos de pensar e mais práticos em nossas normas de governo. A inobservância dessa lição tem custado milhões a muitos países e imensos prejuízos de vidas e de prosperidade”.

Ribas simboliza justamente essa clara visão prática das cousas, nessa época de completo alheamento às realidades técnicas, foi ajudado por estadistas, que saíram mais da escola dos desbravadores de terra que dos discursadores de parlamento, preferindo aos encantos da palavra o colorido do quadro da gleba cultivada.

Pena é, entretanto, que excedendo-se nêsse sentido, satisfeitos da obra realizada, que deveria falar por si só, pouco escrevessem e, assim, as picadas de exploração se perderam como a própria marcha da campanha, que tão interessantes seriam para nós.

O estudo retrospectivo de qualquer assunto nos leva à descoberta de pensamentos esparsos, e de experiências ou fatos que comprovam dêles alguém ter já se ocupado. Não intervem frequentemente esses marcos da evolução científica, entretanto, no preparo do espírito mesmo das elites, na aceitação da verdade que desponta.

As descobertas, o estabelecimento de doutrinas seguem frequentemente a ordem que nos parece mais lógica ao descrevermos a evolução de conceitos. E' assim que podemos hoje, e não poderíamos ao tempo de Ribas, fazer êste retrospecto, justificativo do acerto da atitude assumida.

O estudo dos grandes parasitos do homem e dos animais, levára a verificações indispensáveis, as pesquisas dos de menor vulto. Destaco, por interêsse imediato, o achado de Abildgaard, em 1790, sobre o admirável processo da metaxenia, ou seja a mudança de hospedeiro, sendo parasitos metaxênicos aqueles que passam parte de sua vida em uma espécie animal e o resto em outra. Essa descoberta pode hoje ser considerada como base da moderna parasitologia. Saltando por todas as etapas anteriores, assinalemos a verificação de Leukart e Melnikoff, em 1868, sobre o **Dipilidium caninum**, parasita de cães e gatos, que se desenvolve no piolho do cão, que, segundo Ross, constituiu o primeiro caso no qual um parasita de mamífero foi encontrado como transportável por sevandija que se alimenta nesse animal.

Ainda Bancroft sugere a Cobbold, em 1877, a transmissão da filária pelo mosquito, em cujos tecidos Manson, nesse mesmo ano, descobre o desenvolvimento do verme, — o primeiro caso de metaxenia ocorrido, entre o homem e o mosquito.

Manson, entretanto, pensava que os mosquitos mortos caíam na água e os parasitos, então libertados, fossem ingeridos pelo homem; a transmissão pela picada só foi provada em 1900 por Law e James, certamente influenciados pelo trabalho anterior de Ross. Até essa época, todos os exemplos de metaxenia se referiam a vermes. Compreende-se bem, assim, que os nossos observadores, médicos clínicos e até homens de laboratório, não tivessem bem clara essa noção até à época em que Ribas encontrara a carga de responsabilidade do combate às epidemias aquí existentes.

Barreto, antes de aceitar a teoria havanesa, pela contra prova de que foi testemunha, já aceitava nessa moléstia uma variante da veiculação pelo mosquito, este infetando-se na água contaminada, mecanismo inverso daquele em que pensava Manson.

Leveran em 1880 descobre o parasito do impaludismo; entretanto, até 1889, nenhum protozoário havia sido identificado como metaxênico. Theobald Smith e Kilborne provam essa existência com o **Piroplasma**, inoculado por carrapatos jovens, nascidos de carrapatos que se haviam alimentado do gado doente. Note-se que, em relação à malária, já era crença popular que a moléstia estivesse relacionada ao mosquito. A descoberta de Smith e Kilborne, comprovada experimentalmente, estabelece a possibili-

dade de seres unicelulares terem ciclo evolutivo em mais de um hospedeiro.

A esse tempo os relatos de viajantes da África contavam da crença dos nativos, relacionando uma doença peculiar à picada de carrapatos, e outros diziam que a mortal Nagana do gado era provavelmente devida à picada da mosca Tsê-tsê.

Quanto à febre amarela e à malária, temos os depoimentos de Varro, Columella, Lancisi, bem como os velhos escritos singaleses que relacionavam febres a insetos e os campônios de vários países pareciam ter idéias vagas a respeito. Keunam encontrou em Freetown de Sierra Leone um decreto de 1812, no qual os habitantes eram mandados limpar estradas para impedir a formação de águas estagnadas que geram doenças e mosquitos.

Em 1848, o Dr. Josiah Nott de Mobile, Alabama, parece ter afirmado que a malária e a febre amarela podiam ser transmitidas por mosquitos. Em 1854, aparece a figura de Louis Daniel Beauperthuy, destacada pela justeza de suas observações, embora não de ordem experimental. Esse médico francês de Guadeloupe, viajando como naturalista na Venezuela, concluiu que tanto a malária como a febre amarela são produzidas por um fluido venenoso injetado sob a pele por mosquitos, como o veneno injetado por serpentes. Diz êle: “pântanos são perigosos por causa dos mosquitos neles criados e não por causa dos seus eflúvios. Afirmando que vários mosquitos são vectores da febre amarela, mencionou, entretanto, especialmente o que chama de “Zancudo bobo”, cujas pernas são estriadas de branco. Isso tudo ficou no domínio de poucos, sem nenhuma repercussão na época, não chegando a ser apreciado também no Brasil. O mesmo acontece com a renovação da hipótese por Finlay, a partir de 1881, independentemente de Nott e de Beauperthuy. Finlay introduz um novo elemento, que devemos frisar; enquanto Beauperthuy parecia crer retirarem os mosquitos o veneno maléfico dos pântanos nos quais se multiplicavam, sustentava aquele, quanto à febre amarela, que os mosquitos o obtinham de pessoas doentes.

Kling, em 1883, alinha uma série de argumentos favoráveis à transmissão do paludismo pelo mosquito, que Ross classifica como a melhor exposição até então produzida.

Laveran, em 1884, pergunta: “Será que os mosquitos desempenham mesmo papel no impaludismo que na filariase? Isso não é impossível, continua ele, e devemos notar que os mosquitos abundam em todas as regiões pantanosas. Reafirma esse conceito em 1891. Conserva-se, entretanto, eclético, admitindo também a possibilidade de se contrair o mal pela ingestão de água contaminada

ou pelo ar inspirado, o que tira em muito o mérito da sua idéia referente aos mosquitos.

Manson, em 1894, retomou a hipótese da transmissão da malária pelo mosquito, mas adicionando uma idéia inteiramente nova e fecunda: achava ele que as formas flageladas vistas no sangue dos pacientes representavam elementos destinados a continuar o ciclo evolutivo no organismo do mosquito.

Ross, na Índia, conseguiu, após experiências negativas com o *Culex* e o *Stegomyia*, trabalhando com outros mosquitos, a primeira experiência positiva.

Os seus trabalhos, bem como os de Mac-Callum com a malária das aves, são coroados de resultados brilhantes. E a confirmação do mecanismo para a malária humana não tardou a ser comprovada por Bignami e aceita por outros autores italianos.

A epidemiologia da febre amarela tem a sua prova decisiva nos trabalhos modernos, consequência das verificações a que precederam hipóteses apenas toleradas pelos menos intrépidos. Fácil, pois, julgar a resistência da época à sua franca aceitação, todo um passado em que tais condições foram despercebidas, não indicando claramente a sua descoberta. O que agora nos é fácil encadear, como filiação lógica das idéias, eram fatos e trabalhos apenas conhecidos de muito poucos, até mesmo entre os que se encontravam na lide da pesquisa e mereceram a recompensa dos seus esforços com descobertas positivas.

Seguindo ainda o conselho de Osler, de procurar ver como viram os investigadores ao seu tempo, não se pense que as idéias do próprio Finlay foram sempre as que hoje correm vitoriosas, como as únicas que professou. Atente-se, a-fim-de que se tenha bem clara essa dificuldade de julgar, para o que nos conta o seu filho, em recente livro, após referir que somente com os magistrais trabalhos da segunda comissão norte-americana passou Finlay a não ser mais o "velho maluco", como era tido até então pelos seus compatriotas. Conta-nos ele que, seu pai, a partir de 1857, estava imbuído das teorias climáticas e, durante 13 anos, procurou filiar a febre amarela à existência de excessiva alcalinidade no ar, dosando até o teor em amônia nele existente. Em trabalho à Academia de Ciências de Havana, em 1872, dá conta desse seu labor, e da relação entre influências climáticas e febre amarela. Em 1879, a 1.ª comissão norte-americana de investigações sobre a febre amarela, composta de Stanford E. Claillié, Sternberg, Guiteras e Rudolf Matas chega a Havana. Finlay é destacado pelo governador espanhol para acompanhar os seus trabalhos, que o induzem a rejeitar a sua teoria telúrica, a se interessar especialmente pelos estudos microscópicos do sangue,



e a dirigir a sua atenção para pesquisa de causa mais eficiente da moléstia. A Comissão norte-americana presenteou-o com uma coleção de microfotografias feitas por Sternberg, as quais impressionam a Finlay, especialmente no que se refere às hemorragias, sem que se percebessem rupturas de vasos. A moléstia é transmissível, dizia ele, ataca os indivíduos apenas uma vez, e sempre apresenta uma ordem regular nos fenômenos, como os que se observam nas febres eruptivas. Isso lhe sugere considerar a febre amarela como eruptiva, cuja sede seria o endotélio vascular.

Finalmente, à semelhança do que se dá com a inoculação da varíola (febre eruptiva atacando o epitélio), ocorreu-lhe que, para inocular a febre amarela, seria necessária retirar o material inoculável do interior dos vasos sanguíneos.

Todas essas condições eram satisfeitas, admiravelmente, pela picada do mosquito. A idéia, segundo ele próprio relata em 1902, de que o mosquito poderia ser o hospedeiro intermediário da febre amarela, colheu-a na Botânica de Van Thieghem, na parte em que esta trata do ciclo da "**Puccinia Graminis**", fungo parasitário do milho. Assim, com esses elementos de raciocínio, até em parte errôneos, origina-se a sua segunda teoria da veiculação da febre amarela, que experiências posteriores vieram justificar.

Convenhamos que, embora hipóteses de trabalho interessante, não podiam obter a larga repercussão que mais tarde vieram a ter, senão quando, expurgadas da ganga da fantasia, deixaram transparecer o que a todo tempo se veria comprovar. Compreende-se que Finlay lutasse 19 anos pela sua nova teoria, antes de vê-la aproveitada.

São Paulo era o pequeno centro de província, com laboratórios em formação e ainda sem homens afeitos a tais experiências. Os clínicos dominavam o panorama todo; as suas opiniões, frequentemente fruto de simples apreciação, careciam, ainda, de força convincente. Mas, dado o prestígio de quem as expunha eram o bastante, para retardar elucidação, por via experimental.

A nova era de ciência experimental no campo da bacteriologia e da parasitologia, ainda estava em seus primórdios. Ainda assim, grandes foram os serviços prestados. Data desta época a caracterização da febre tifóide entre nós, por Lutz e os de sua escola, o que assinala os primeiros frutos dos laboratórios aqui creados. Clínicos jovens, naquela época, como o nosso atual Magnífico Reitor — Rubião Meira — trouxeram também o influxo de seu talento ao serviço da causa. Tudo isso ressalta mais o valor dos que, como Ribas, sem se deterem à espera da descoberta do germe responsável pela febre amarela, resolutamente souberam se valer

dos conhecimentos da sua transmissão para dar combate ao mal que nos assolava, com a orientação tipicamente do epidemiologista.

Mas não é só; no limiar da higiene moderna trouxe-nos Ribas, desde logo, com o combate à peste e à febre amarela, a radical transformação do meio. Para assegurar a vitória contra a primeira, promoveu o estabelecimento de medidas de impermeabilização do solo e de melhoria das habitações; com o combate ao mosquito, promoveu a reforma de hábitos -- casas limpas e cuidadas. Com ambas as medidas, acertadas, firmou, no seio da população, a confiança nos preceitos sanitários aconselhados, donde surgiu a melhor compreensão de todos. A revolta às medidas sanitárias de outros tempos era natural e compreensível, atendendo-se ao insucesso a que eram fadadas pela inconsistência de seus princípios. Tudo que Ribas exigiu e pôs em prática firmava-se na lição comprovada da experiência. Sobre as vantagens auferidas do acerto das medidas, colhe-se outra, ainda maior; o estabelecimento da confiança. Foi ele grande mestre nesse assunto, como o pioneiro de toda a renovação sanitária que hoje nos beneficia.

Mas não foi só no setor das moléstias infecciosas que se fez notável a direção de Ribas. Sabemos o que era a organização sanitária que precedeu à sua orientação.

Datando de 1882, vemos, com a nomeação de Marcos Aruda, a compreensão que se tinha dos problemas sanitários, quando o nomearam para exercer o cargo de Inspetor de Higiene Pública, **sem vencimentos**. E a “sua abnegação em aceitando a investidura a título gracioso e ocorrendo, de seu bolso, ao encargo da locação da sede da Inspetoria provincial de Higiene”. Ainda apenas eram votados 300\$000 pelo Ministério do Império para as despesas de expediente da Inspetoria no exercício de 1886-87.

A vacinação, conhecimento sedimentado já de um século, só então leva à criação de “estabelecimento vacínico”. Faz-se ainda a conservação do antigo Lazareto em Hospital permanente de Isolamento, em 1888. Algumas determinações sobre o “cholera morbus” e a febre amarela, mais de caráter assistencial.

Na República, o impulso que às cousas da instrução e da higiene emprestaram homens da fibra de Cezario Mota, com Sergio Meira e Silva Pinto à testa do Serviço Sanitário, começam a aparecer os órgãos indispensáveis à proteção da saúde coletiva, que Ribas transforma em um todo harmônico e eficiente. Além das campanhas contra as principais endemias e surtos epidêmicos que nos visitavam, crea órgãos como a inspeção médica das es-

colas e de proteção à infância, dirigindo-se com segurança para a higiene mais moderna, a que visa o complexo médico-social.

Os regulamentos sanitários paulistas eram solicitados por Osvaldo Cruz para servir à organização dos federais, o que pude verificar compulsando o arquivo de Ribas.

Podemos ainda, sem medo de errar ou de incidir em exagero, afirmar, que muito contribuiu para a possibilidade de execução da campanha no Rio de Janeiro, o sucesso obtido em S. Paulo, por Emilio Ribas.

Quando Osvaldo iniciou a sua campanha em 1903, já estava praticamente terminada a do Estado de S. Paulo. Nem assim deixou Osvaldo de ser alvo de tantas lutas.

O rumo a seguir pelas gerações atuais é não deixar os espíritos mais atilados desprovidos do indispensavel reforço, rico e produtivo, que só o preparo de novos contingentes de técnicos pode traduzir. Isso se não realize e até os grandes institutos, então surgidos, serão relegados a plano inferior, quais lembranças apenas de um passado de glórias, frios monumentos, mortos e silenciosos, restos de uma civilização desaparecida, porque não vivificada pelo impulso jovem e crescente, de renovação incessante, fruto de aprendizado e de ensino, que vibra e corresponde aos anseios de progressos, na lide contínua da pesquisa. De nada vale dotar-se de maiores recursos essas casas de ciência aplicada, sem a correspondente melhoria do espirito de investigação, que só a boa escola pode crear.

Aquí um novo Ribas só se compreenderia depois de um Arnaldo, e este não se conformaria com a existência de uma escola médica que não fosse vanguardeira, que se não mostrasse completa e harmonicamente entrosada no conjunto de uma universidade, onde todos os aspectos dos problemas que nos interessam tivessem os seus órgãos respectivos, e competentemente dotados para elucidá-los.

Nenhuma retorma sanitária, traçada pelos melhores moldes, dispondo dos maiores recursos e dos mais bem aparelhados institutos e laboratórios, alcançará, jamais, os seus altos propósitos, em não existindo um viveiro de cientistas, de médicos e outros profissionais, cuja atuação na prática reflita, sempre, uma alta e sólida cultura. Sendo de técnica e de prática a nossa época, por isso mesmo mais se impõe o bafejo da ciência pura, a criadora, a que se não dobra á rotina e que, aprimorando o espirito, fortalece a própria prática. O artista crea ambiente para o artezão, como o cientista o condiciona para o técnico.

Um Manguinhos de Osvaldo, um Bacteriológico de Lutz ou um Butantã de Vital, não farão justiça á elevação de espirito

de seus organizadores sem a flama dos egressos de escolas de primeira ordem. Viverão pelo “vis a tergo” até o seu definitivo silêncio de improdutividade. Reconheçam os governantes essa verdade, e como preito de homenagem à obra de renovação médico-social de nossa terra, dirijam o seu olhar, dediquem o seu carinho, sempre e ininterruptamente, à dotação régia e farta dos nossos institutos de ensino superior, aparelhando-os de elementos de trabalho, em que se apure cada vez mais a qualidade do produto — o “Homem” — ao qual se impõe a resolução de novos problemas, os da sua época, para um melhor futuro.

Que o monumento a Ribas, dívida sagrada contraída, sirva de permanente lembrança aos poderes públicos, de que só conseguiria uma vitória o general de gênio servido por um exército de valor. Lembrem-se ainda que os homenageados de hoje foram, ontem, os perseguidos pela inércia da mediocridade, e as suas vitórias foram mais contra a má vontade e incompreensão de seus coevos que sobre os males que desejavam destruir. Foram grandes Ribas e os da sua velha guarda porque foram sustentados por administradores do estofado de Fernando Prestes, Bernardino de Campos, Peixoto Gomide e Bento Bueno, como o foi Osvaldo com o grande Rodrigues Alves na esfera federal. E maiores seriam se todos os governos tivessem invariavelmente dado ensejo à realização dos seus altos propósitos.

Está madura a idéia da saúde pública. Não ha governo no mundo que a não compreenda e a não manifeste por atos materiais e provas inconcussas de seu interesse. O governo de ilustre médico que ora temos, com a sua acrescida responsabilidade, em dois anos apenas, transformou o ambiente assistencial de maneira decidida, a que todos fazemos justiça, sem favor, e é porque temos a consciência segura da nossa vitalidade, certos de vencer os maiores obstáculos, que não tememos e antes procuramos, nesse setor, o valioso favor da verdade que, exposta sem ambages, estigmatizando os nossos males, nos incita ao combate, combate vitorioso.

Recentemente o professor Pessoa, de maneira forte, leal e corajosa de crítica construtiva, insurgiu-se contra o estado de cousas verificado no nosso “hinterland” que, como os demais dos países novos — se encontra frequentemente desprovido de garantias de saúde, e onde o caboclo vegeta de permeio com a doença e a ignorância. Voltasse, entretanto, sua competência, munida do mesmo patriótico interesse, para outros problemas, também na esfera sanitária, mas limitados aos centros urbanos, certamente viria clamar pelo emprego de outras tantas medidas, que atinxissem outros grupos demográficos, igualmente dignos de aten-

ção. E' que, em matéria de hygiene, mesmo em países de velha civilização, o sertão, desprovido de garantias, começa no centro das mais ricas cidades. O núcleo da derrubada de ontem ou o póro húmido das habitações são uma mesma selva bravia e inhospita. São dois índices a nos guiar e que jamais deveríamos perder de vista; o do progresso sanitário, que se mede pela redução das taxas de mortalidade e de morbidade gerais, e outro que nos dá a medida da extenção do nosso esforço, da democratização da nossa técnica, o índice social, tanto melhor quanto mais reduzidas essas diferenças entre os vários grupos sociais. E quando raiar o dia que nos apresente o trabalhador rural e o cidadão, auferindo as vantagens de equivalentes garantias de saúde das gozadas pelas classes patronais, teremos realizado o escopo máximo de nossos esforços.

Outrora, dispusessem os mestres de Ribas de todo o ouro da terra e nada poderiam contra a maioria dos males que nos assolam, impotentes pela ignorância de sua própria natureza. Hoje, com a dádiva inapreciável da ciência acumulada em pouco mais de meio século, é a ignorância popular, qual herança dos medievos, o principal escolho a vencer.

Coloquemos o caboclo ignorante na casa do patrão e este, instruído, na choça do caboclo; ou o proprietário de Higienópolis no cortiço do Brás, a família inculta no palácio do primeiro, e observe-se o acerto do que afirmo. Rápida seria a transformação da choça e do mucambo em locais compatíveis com a vida digna de viver, bem como a da "casa grande" e do palácio nos mais perigosos antros da doença e da miséria.

A justa medida entre o que deve fazer o poder público, para transformar o meio a-fim-de torná-lo compatível com a existência garantida do homem, e o que cumpre prover para que este vença inevitáveis deficiências do ambiente, contem a essência do programa de salvação pública. E porque se não pode promover medidas adequadas que abranjam o país em toda a sua extensão, a providência acertada e que se impõe, é a delimitação das zonas de garantia, fora das quais cessa a responsabilidade administrativa, como não deve faltar na primeira a integral solução dos problemas. Reserve-se para o combate em extensão absoluta apenas o que, pela sua simples existência, onde quer que se encontre, constitua permanente ameaça ao organismo nacional. E entre estes problemas, os de marcado relevo ao tempo de Ribas foram os da Peste e da Febre Amarela. Um só caso desses males, no mais afastado rincão, representa sério perigo e atrai o descrédito sobre todo o país. Felizes seríamos se tivéssemos todos a mesma atitude, rea-

gindo contra a ignorância, essa ignorância que, em matéria de higiene, pode até coexistir com a aparência de relativa cultura. Ribas lançou, na terra fértil de São Paulo, a boa semente da organização sanitária moderna, que, baseando-se na ciência vanguardista, germinou e frutificou.

Nada ou pouco, entretanto, se fez, até agora, para lembrar o nosso reconhecimento por dádivas tão preciosas, que de sua atividade recebemos. Ainda apenas constando de gestos enobrecedores, figuram nos anais do Congresso do Estado, os projetos de Freitas Vale, em 1925 e o de Maciel de Castro, em 1936, para construção de um mausoléu ou monumento pessoal, que aguarda ainda realização.

São Paulo, sempre generoso, não pode permanecer indiferente aos que, não medindo sacrifícios, condicionaram o seu ambiente para uma vida mais tranquila e feliz de seus irmãos.

E porque foi daqueles que tudo dão e nada pedem — que se julgam fartamente recompensados com a consciência do dever cumprido e do bem que semearam — Ribas se enquadra no conceito de Cícero! “Hominis enim ad Deos, nulla re probius accedunt, quam salutem hominibus dando”.

(Em nada aproximam-se mais os homens de Deus, que assegurando saúde à humanidade).

Nós, entretanto, que lhe devemos imensamente, queremos a sua memória sempre viva nos corações de quantos tiveram por berço esta terra generosa. E o monumento que a Sociedade Paulista de História da Medicina pede seja erigido será a materialização dessa lembrança imorredoura.

Façamos justiça ao homem íntegro, bom, clarividente, a Emilio Ribas, o grande pioneiro da higiene moderna entre nós.